

A cena perversa.

The perverse scene.

CARINA RODRIGUEZ SCIUTTO

Tradução: André Bogaz e Souza

RESUMO:

Este artigo desenvolve ferramentas teóricas aplicáveis ao trabalho clínico, partindo de um questionamento da categoria nosológica da perversão dentro do marco teórico de Jacques Lacan. Propõe-se uma crítica às posições estabelecidas que sustentam a perversão como uma estrutura clínica única e fechada, na tentativa de articulá-la como posição subjetiva em relação com o fantasma e que pode manifestar-se em diversas estruturas clínicas. Nesse sentido, a perversão não se reduziria a uma categoria rígida, mas se configuraria como uma resposta fantasmática transestrutural. O artigo explora conceitos-chave como os de gozo e de cena perversa, o que permite abrir novas vias para a compreensão e abordagem da perversão na prática psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: perversão – fantasma – gozo – clínica psicanalítica.

ABSTRACT:

This article develops theoretical tools applicable to clinical work, beginning with a critical examination of the nosological category of perversion within Jacques Lacan's theoretical framework. It proposes a critique of established positions that view perversion as a unique and closed clinical structure. This paper aims to articulate perversion as a subjective position in relation to fantasy, which can manifest in various clinical structures. In this sense, perversion is not confined to a rigid category but is configured as a trans-structural fantasy response. The article explores key concepts such as *jouissance* and the perverse scene, opening new avenues for understanding and addressing perversion in psychoanalytic practice.

KEYWORDS: perversion – fantasy – *jouissance* – psychoanalytic clinic.

Introdução

*Não pretendo nem dar-lhes os passos definitivos, nem mesmo tê-los feito eu mesmo.*¹

Este artigo dedica-se a uma análise específica da categoria nosológica da perversão sob o marco teórico de Jacques Lacan, com o propósito de desenvolver uma série de instrumentos teóricos inter-relacionados que se mostrem efetivos para o trabalho clínico. Os temas de

¹ Lacan, J. (1966-67). *El Seminario. Libro 14*. Analítica, Asociación de Psicoanálisis de Bogotá. p. 308. (Tradução nossa).

investigação abordados emergem de problemáticas recorrentes na prática clínica, assim como da necessidade de aprofundar a elaboração teórica frente a um tópico particularmente interessante e relevante, o qual, apesar de sua importância, não foi suficientemente explorado na literatura psicanalítica contemporânea.

A investigação surge de uma dificuldade clínica que comprometeu o início de um tratamento. Lacan afirmou que a resistência é sempre do analista. O que não se sabia e acabou por gerar tal resistência no momento de escutar o paciente? Que o masoquista ocupa a posição de mestre – e não de escravo –, pode carecer de angústia e, por sua vez, comandar a cena em que participa. Nesse caso, a angústia se manifestou do lado do analista ao escutar a descrição de uma cena perversa, evidenciando a falta de um marco teórico adequado para processar tal posição subjetiva e, por conseguinte, realizar as intervenções clínicas necessárias.

Nas páginas seguintes, propõe-se explorar e defender a hipótese de que a perversão não constitui necessariamente uma estrutura clínica independente, mas sim uma posição subjetiva em relação ao fantasma e que pode se manifestar em diversas estruturas. A partir da teoria lacaniana, argumentamos que o sadismo e o masoquismo são soluções singulares que um sujeito elabora frente ao problema de assumir uma posição sexual em relação ao outro. A perversão, nesse sentido, não se limita a uma categoria nosológica rígida, mas antes se apresenta como uma resposta fantasmática que pode emergir em diferentes contextos clínicos.

A cena perversa

Propomos uma reformulação da pergunta tradicional sobre recebermos ou não casos de perversão na clínica, para abordarmos o seguinte problema: pacientes de diversas estruturas clínicas podem ser convocados a participar de cenas perversas em momentos distintos de suas vidas. Nunca se esquece do encontro com um perverso, especialmente quando se cai acidentalmente em sua cena e não se consegue escapar a tempo, ficando-se preso em sua armadilha e permitindo que conclua seu ato com nossa angústia.² A participação em uma cena perversa pode constituir um evento histórico único, completamente acidental, ou pode, também, repetir-se e adquirir um caráter serial. Essa passagem singular por uma cena pode necessitar de simbolização via análise: a necessidade de subjetivar um ato no qual se foi tomado como objeto por alguém.

Um problema diferente aparece com pacientes que sofrem de uma série de repetições de cenas sádicas ou masoquistas em suas vidas. A repetição – conceito central na teoria lacaniana e lei

² Vários exemplos dessa situação de armadilha e participação acidental em cenas sádicas e/ou masoquistas aparecem no filme *Veludo azul* (1986), de David Lynch.

constituente do sujeito – implica um sintoma e chama à leitura e interpretação de um analista. No campo psicanalítico, um verdadeiro sintoma apresenta-se quando ocorre uma divisão do sujeito de forma articulada à lógica significante do fantasma.

Perversão em Lacan

“É necessário partir do fato de que a perversão é normal”.³

A partir de uma leitura da obra de Lacan, pode-se inferir que as perversões se desdobram em um amplo espectro de manifestações, que abarcam desde as formas mais benignas – denominadas imaginárias – até sua apresentação clínica.⁴ A perversão enfrenta um problema similar ao observado no campo das psicoses, no qual as palavras utilizadas na descrição dos quadros e sintomas clínicos estão carregadas de um excesso de significação social negativa. Essas conotações tendem a situar os fenômenos clínicos não só como patologias, mas também como transgressões éticas e morais.

Sadismo e masoquismo são modos de existência de um sujeito em relação ao desejo e ao gozo, modos determinados por um funcionamento particular do fantasma e que se apresentam especificamente em uma cena. O fantasma é uma estrutura inconsciente, o enquadramento estrutural do desejo, que permite a um sujeito aderir à cena de um ato sexual. Essas duas posições subjetivas apresentam-se como soluções singulares de um sujeito em relação ao problema da sexualidade, à necessidade de assumir uma posição como ser sexuado falante. Lacan denomina esse campo como *père version*, uma “versão do pai”, solução para os problemas da operatória do significante **Nome-do-Pai**, que determina o funcionamento da castração. A solução masoquista e seu modo particular de montagem de cena permite que se evite a angústia de um encontro com o outro. A solução sádica, por sua vez, permite que se esqueça que existe a castração e disponha-se do outro como um objeto moldável a um desejo e uma lei próprios.

Na cena perversa, o sujeito apresenta-se “[no] ato em que permanece em silêncio”,⁵ tomado pelo funcionamento da pulsão. O inconsciente é a forma como alguém se posiciona frente à dificuldade de ser um sujeito sexuado. É um saber, não sabido, que diz: não há ato sexual, isso sempre falha. É impossível um saber ou um ato que possa definir o que é um homem e o que é uma mulher. Por isso, Lacan sustenta que “não há... só há... - ...ato sexual, o ato sexual”.⁶ É nesse

³ Lacan, J. (1966). *El Seminario. Libro 13*. Aula de 15 de junho de 1966. Inédito. (Tradução nossa).

⁴ Entenda-se o termo “apresentação clínica” no sentido que Lacan lhe confere: “Tomemos como exemplo a relação sádica, quer seja em sua forma imaginária, quer seja em sua paradoxal forma clínica”. Lacan, J. (1981 [1953-1964]). *El Seminario. Libro 1*. Barcelona: Paidós. p. 312. (Tradução nossa).

⁵ Idem. (1966-67). Op. cit. p. 242. (Tradução nossa).

⁶ Ibidem. p. 356.

sentido que o inconsciente fala do sexo, da não-relação sexual que insiste nas cadeias significantes. A perversão é uma solução para essa dificuldade e, portanto, só adquire seu valor ao articular-se ao ato sexual como tal.

Em “Variantes do tratamento-padrão”, Lacan sustenta que o progresso na psicanálise não teria sido tanto o de revelar quais seriam os desejos de um homem, mas sim a estrutura de um desejo, que consiste no desejo de fazer reconhecer seu desejo.⁷ Esse desejo tem uma característica central: aliena-se no desejo do outro. Essa é a perspectiva central para se pensar que as perversões trazem à luz uma verdade sobre o verdadeiro objeto do desejo humano: o retorno do desejo do outro-semelhante sobre o sujeito. Deseja-se ser o objeto do desejo do outro, e esse ato coloca o sujeito em uma posição masoquista.

A história da perversão sofre uma virada na psicanálise. É preciso desmitificar a crença de que a perversão seria o oposto da neurose e que se trataria da expressão pura e simples da emergência de uma pulsão. A perversão possui uma verdadeira dialética analítica, vinculada a um contexto rico em compromissos, tão ambíguo e complexo quanto a neurose.⁸ Possui, inclusive, a mesma estrutura quanto ao retorno do recalcado. Por isso, é preciso articular a perversão minuciosamente com sua materialidade significativa, por consistir fundamentalmente em um tipo de discurso que possui uma trama narrativa⁹ particular que se manifesta de forma privilegiada em uma cena: **a cena perversa**.

A cada vez que vocês de deparam com uma perversão, é um desconhecimento não ver até que ponto está fundamentalmente vinculada a uma trama de *affabulation* sempre suscetível de transformar-se, de modificar-se, de enriquecer-se.¹⁰

Além de possuir uma trama discursiva, a perversão tem também outra dimensão particular: trata-se de uma relação intersubjetiva imaginária em que se exerce uma **vontade de gozo** – direito ao uso/abuso de um corpo – sobre alguém, localizado como um objeto em uma cena, no limite de seu reconhecimento simbólico como sujeito. A cena perversa sustenta-se principalmente em uma configuração do fantasma que Lacan chama de “fantasma sadiano”:¹¹

[Um fantasma] só tem realidade de discurso e não espera nada de teus poderes, mas te pede, ele próprio, que te ponhas em ordem com teus próprios desejos.¹²

⁷ Idem. (2009a). Variantes de la cura-tipo. Em *Escritos*. Buenos Aires: Siglo XXI.

⁸ Idem. (2013 [1957-1958]). *El Seminario. Libro 5*. Buenos Aires: Paidós. pp. 238-239.

⁹ Lacan chama essa trama de *affabulation*. Em francês, o termo possui conotações que vão além da ideia do fantasioso e permitem pensar o terreno do narrativo, o enredo e a trama de um romance.

¹⁰ Lacan, J. (2013 [1957-1958]). Op. cit. p. 239.

¹¹ Idem. (2009b). Kant con Sade. Em *Escritos*. Buenos Aires: Siglo XXI. p. 734.

¹² Ibidem. p. 741. (Tradução nossa).

Conceitos fundamentais

A seguir, será exposta uma seleção de conceitos da obra de Jacques Lacan fundamentais para que se possa operar no campo das perversões. Esta apresentação tem por pressuposto que a técnica não pode ser compreendida nem aplicada corretamente se os conceitos que a embasam não forem conhecidos.¹³

(A) *Relação intersubjetiva imaginária*.¹⁴ As manifestações perversas apoiam-se em uma estrutura própria que implica uma relação intersubjetiva que se dá no plano do imaginário, construída ao redor de um polo central que é o do outro como um olhar. Pode-se apresentar, nessas posições subjetivas, uma regressão topológica à dimensão imaginária que se produz no limite do reconhecimento simbólico do outro.

Na análise, não se trata da perversão como aberração ou anomalia social, mas sim de penetrar a relação intersubjetiva imaginária de onde se apresentam esses fenômenos desenvolvidos na dialética do narcisismo, tais como o são o sadismo, a escopofilia ou o ciúme passional. Esse conceito é central para que se possa conceber a perversão como fenômeno possível em diferentes estruturas. Localizamos topologicamente esses fenômenos no eixo *a-a'* da relação imaginária, tal como apresentado no “Esquema L” em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”.¹⁵ A estrutura desse eixo presentifica a divisão de si mesmo que o homem sofre na relação especular. Trata-se do encontro com o furo, o que faz o sujeito confrontar-se com seu próprio desejo: estar totalmente exposto e dependente do desejo de outro. Um tipo de relação de instabilidade e oscilação entre os dois polos que dissolve o ser, tanto do outro como do próprio sujeito.

Lacan propõe que, em sua grande maioria, as perversões permanecem em um plano de execução lúdico, no qual a miragem produzida no jogo permite que cada um dos participantes se identifique com o outro. A perversão só pode ser captada no limite desse jogo, nessas inversões cujo sentido se vislumbra por um instante. O outro sujeito é reduzido a nada mais que o instrumento do primeiro, o qual é o único que permanece um sujeito como tal, porém reduzindo-se, ele mesmo, a apenas um ídolo ofertado ao desejo do outro. A relação imaginária intersubjetiva que subjaz ao desejo perverso só se sustenta pela anulação do desejo de um dos participantes da cena. Concebe-se “anulação” (*anonadamiento*) como o conceito capaz de definir esse processo em que se reduz alguém à função de simples objeto em um ato no limite do reconhecimento simbólico. O processo

¹³ Idem. (2009c). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. Em *Escritos*. Buenos Aires: Siglo XXI. p. 239.

¹⁴ Cf. Idem. (1981 [1953-1964]). Relación de objeto y relación intersubjetiva; El orden simbólico. *El Seminario. Libro I*. Op. cit.

¹⁵ Idem. (2009d). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis. Em *Escritos*. Buenos Aires: Siglo XXI. p. 525.

de subjetivação pela fala e pela escritura que o dispositivo analítico oferece pode revelar-se a saída possível da anulação do sujeito no fantasma perverso.

(B) *Ato sexual*. A perversão só adquire seu valor quando articulada ao ato sexual. Conforme dito anteriormente, só há ato sexual, ato que está destinado ao fracasso. Trata-se de um ato que se pretende sexual e que se sugere analisar em sua estrutura de ato, ligado à lógica de uma estrutura significante que lhe confere significação. É um ato do qual se espera que funde uma bipolaridade macho-fêmea, e é por isso que sempre falha. É um ato impossível, ou seja, real, que *ex-siste*, que insiste. O sadismo, o masoquismo e o sadomasoquismo podem ser entendidos como buscas que giram em torno do que Lacan define como o ato sexual, um fenômeno que se encontra na ordem do difícil, o drama da subjetivação do sexo onde a castração desempenha um papel central. A castração implica que o sujeito não pode apropriar-se plenamente de seu gozo,¹⁶ já que, por efeito seu, o corpo e o gozo ficam cindidos.

O perverso é o sujeito cativo de uma cena com um outro que lhe permite a recuperação do gozo, esquivando-se das consequências da castração. Por outro lado, o ato sexual é realizável exclusivamente sob a forma da sublimação.¹⁷ Na perversão, a sexualidade positiva o par *a-grande* Outro como possível e irreal, como forma de recusar que há castração. Frente à separação constitutiva do corpo e do gozo, o masoquista questiona o rigor dessa separação e propõe uma solução que passa pela via do ato sexual.

É fundamental sabermos distinguir o ato perverso do ato neurótico.¹⁸ Na neurose, o desejo provém da articulação da demanda e produz um sujeito no ato da demanda. O ato perverso, no entanto, situa-se no nível da pergunta pelo gozo. Um sujeito perverso pode participar de uma cena com um sujeito neurótico, e, portanto, é possível produzir-se uma montagem fantasmática na qual para um a questão fundamental seja a do gozo e, para o outro, a do desejo e da demanda do outro.

O gozo é, em Lacan, um conceito original e não equivalente à satisfação pulsional freudiana, dado que se trata dos efeitos da máquina significante inconsciente sobre o corpo. Consiste em um dizer que faz eco no corpo.¹⁹ Surge no campo do Outro e produz um chamado à subjetividade. Essa concepção de gozo está articulada ao conceito de pulsão compreendido como uma montagem ficcional que produz ecos no corpo e consiste em um modo de saber inconsciente.

A análise terá por objetivo uma leitura e interpretação desse saber escrito nos sintomas do corpo, do qual o sujeito não sabe nada e ao qual não tem acesso direto. *Isso* que goza e *isso* que fala em seu corpo são formados por significantes e têm uma estrutura determinada que pode ser lida,

¹⁶ Idem. (1966-67). Op. cit. p. 243.

¹⁷ Ibidem. p. 357.

¹⁸ Ibidem. p. 349.

¹⁹ Idem. (2009e). *El Seminario. Libro 23*. Buenos Aires: Paidós. p.18.

dado que **o inconsciente é estruturado como uma linguagem**. A direção do tratamento consistirá primeiro em estabelecer esse sistema de cadeias discursivas da qual o sujeito, a pulsão e o gozo são efeitos.

Outro aspecto do gozo indicado por Lacan em suas reflexões sobre a perversão é pensá-lo como aquilo de que se dispõe, como se fosse um título jurídico. Ter o gozo de algo ou alguém é poder renunciar ao mesmo, cedê-lo. “Gozar de” é uma categoria distinta de simplesmente “gozar”. “Gozar de” implica uma disjunção entre o corpo e o gozo. O masoquista é aquele que deixa seu corpo à mercê de outro – para gozar de –, o que se apresenta como gozo puro. O masoquista sabe que está no gozo:

O gozo é esse algo no qual o princípio do prazer marca seus traços e limites. Mas é algo substancial e que, precisamente, é importante de se produzir, produzir sob a forma que vou articular em nome de um novo princípio: há somente gozo do corpo.²⁰

O que se torna central no ato sexual é precisamente o momento em que o gozo entra em jogo, um fenômeno que deriva da operação de castração, entendida como o efeito do significante que separa o corpo do gozo. A perversão, sob esse marco, configura-se como uma atividade que persegue o gozo de maneira experimental, através de um ato ou da montagem de uma cena. Sua particularidade encontra-se no foco dado principalmente à interrogação da função do gozo, levando a cabo essa indagação no terreno do ato sexual.

(C) *Fantasma e repetição*. O trabalho clínico implica a interrogação do motivo pelo qual se repetem as relações sádicas ou masoquistas que, em vez de produzir prazer, submergem os sujeitos em sofrimento. É possível encontrarmos pacientes presos na repetição de uma cena fantasmática da qual sentem que não podem escapar. Paradoxalmente, tal sujeito é capaz de repetir sem conseguir se dar conta das razões desse pedaço de sua história. Trata-se de um ponto de encontro com um pedaço não-eu de sua existência: “o lugar onde eu não sou”.²¹ São situações em que alguém não tem a posição de ser-agente, embora esteja na posição de sujeito.²² O fantasma se trata precisamente disto: o sujeito confrontado com seu desejo, que o divide e pode convocá-lo a repetir uma cena que pode ser conscientemente rejeitada. A escritura que a psicanálise propõe através do discurso falado ou escrito pode revelar-se um mecanismo efetivo disponível para que se possa processar essa parte da história que lhes faz furo enquanto sujeitos.

²⁰ Idem. (1966-67). Op. cit. p. 328. (Tradução nossa).

²¹ Ibidem. p. 64. (Tradução nossa).

²² Ibidem. p. 79.

A perversão é uma das formas possíveis de apresentação do fantasma ($a\Delta S$) que determina o funcionamento de um sujeito.

No fim das contas, o fantasma é uma frase com uma estrutura gramatical que parece indicar, então, ao articular a lógica do fantasma [...] a relação do sujeito do enunciado, por exemplo, com o sujeito da enunciação.²³

O fantasma consiste em uma estrutura gramatical que se apresenta como uma significação fechada e tem uma fórmula específica: ($S\Delta a$), que se lê: sujeito desejo de objeto. Um exemplo clássico de sua forma gramatical, que conhecemos de Freud, é “bate-se numa criança”.

Lacan propõe que o fantasma desempenha um papel diferente nas neuroses e nas perversões. Por um lado, no neurótico nos deparamos com a demanda no lugar do desejo, uma manobra que oculta sua angústia frente ao desejo do Outro. O neurótico é aquele que identifica a falta do Outro com a sua demanda, Φ com D. Disso resulta que a demanda do Outro adquire a função de objeto em seu fantasma, isto é, seu fantasma fica reduzido à pulsão: ($S\Delta D$). Por isso que se pôde estabelecer no neurótico o catálogo das pulsões.²⁴

Por outro lado, nas perversões, a ênfase recai sobre o objeto e se configura como um fantasma fora do tempo.²⁵ Então, o fantasma articula-se retroativamente ($a\Delta S$) e o sujeito se localiza no nível do Outro como sujeito desvanecente. Tanto no sadismo como no masoquismo, o a está à esquerda do sujeito que diz eu (je), de modo que ele é o objeto. Na neurose, a demanda ($S\Delta D$) toma o lugar do objeto a , ao passo que na perversão lemos, em sua fórmula, que o desejo parte de um objeto em direção a um sujeito. É o que Lacan indica no esquema 1 do texto “Kant com Sade”.²⁶

(D) *Cenas perversas*. Na perversão, apresenta-se como cena um ato que ocupa o lugar do ato sexual. O tema de circunscrever-se em uma cena é central, dado que os fenômenos não se aplicam à totalidade da vida da pessoa. A identificação como objeto de um sujeito em uma cena perversa, seja sádica ou masoquista, não se dá o tempo todo, nem em todos os lugares, nem em todos os vínculos. A perversão consiste em um ato montado como cena na qual sujeitos de diferentes estruturas podem ser convocados e participar.

Sob o marco teórico de Lacan, faz-se possível delimitar duas cenas claramente diferenciadas a partir do axioma que estabelece que o sadismo e o masoquismo não constituem posições recíprocas. Em primeiro lugar, temos a cena dominada por um sujeito em posição sádica, que situa outro sujeito

²³ Ibidem. p. 352. (Tradução nossa).

²⁴ Idem. (2009f). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano. Em *Escritos*. Buenos Aires: Siglo XXI. p. 783.

²⁵ Idem. (2015 [1958-1959]). El objeto Ofelia. Em *El Seminario. Libro 6*. Buenos Aires: Paidós.

²⁶ Idem. (2009b). Op. cit. p. 736.

– de alguma entre diversas estruturas clínicas possíveis – no lugar de objeto, isto é, como vítima dentro daquela dinâmica. Em segundo lugar, observa-se a cena dirigida por um sujeito em posição masoquista, na qual outro sujeito assume o papel de executor, cumprindo a função de levar a cabo a cena masoquista.

Tal proposição de Lacan, segundo a qual não se trataria de posições recíprocas, leva ao questionamento da crença social generalizada de que se trataria de uma cena única, na qual o sádico se encontraria sempre em posição de sujeito e o masoquista na posição de objeto. Nem sempre coincidem na mesma cena um sujeito sádico com um masoquista, pelo simples fato de que o sádico, para obter prazer na execução de sua cena, precisa impor sua vontade de gozo sobre o outro, provocando sua angústia. Em outras palavras, o sádico brinca com o outro como objeto e goza com sua angústia. O masoquista, por sua vez, oculta sua angústia e comanda sua própria cena para gozar por colocar seu fantasma particular em ato. Cada um dos dois comanda subjetivamente sua própria cena, colocando em ato sua gramática pulsional inconsciente.

Pode-se observar um claro exemplo da dificuldade da cena recíproca sádico-masoquista no filme *Elle* (2016), de Paul Verhoeven. Vê-se num momento do filme o vizinho sádico deter-se na cena perversa quando percebe que a protagonista demonstra prazer: “assim não é possível”, diz. Se o outro não se angustia na cena, o ato não se completa e não permite a recuperação do gozo para o sujeito sádico.

Lacan define essa dificuldade com um chiste no *Seminário 5*: “Trata-se da piada que vocês todos conhecem, do masoquista e do sádico – *Me machuque*, diz o primeiro para o segundo, que responde – *Não*”.²⁷ O masoquista e o sádico se sustentam na cena sob a condição de não falarem. Demonstra-se com esse chiste que não se trata de colocar em jogo a demanda do outro, como na neurose.

No filme *Veludo azul* (1986), de David Lynch, pode-se observar a cena masoquista entre a personagem de Isabella Rossellini e o jovem protagonista. Ela pede-lhe que bata nela como ato preliminar ao ato sexual. Devido à falta de reciprocidade, o jovem angustia-se frente à violência demandada por aquela mulher na cena. Ele não é sádico e não consegue manter-se por muito tempo naquela cena que lhe exige que assuma o lugar de executor. O relevante aqui é que a complementaridade entre um sádico e um masoquista na mesma cena não é necessária.

O masoquista, na montagem de sua cena, coloca em evidência a conjunção entre desejo e lei. Essa relação é fundamental, já que revela como o desejo de alguém situado no lugar do Outro Absoluto se transforma em lei-mandamento para o sujeito. Nesse contexto, participar da cena

²⁷ Idem. (2013 [1957-1958]). Op. cit. p. 72. (Tradução nossa).

perversa proporciona a ilusão de ser um com o Outro. Essa dinâmica sustenta a ficção de que existe uma relação sexual, o que implica, em última instância, a negação da castração.

No filme *A professora de piano* (2001), de Michael Haneke, a protagonista, em posição masoquista, entrega a seu amante uma carta em que estabelece o que espera dele em um ato sexual. Estabelece uma lei por escrito que a permite desejar e participar do ato sexual sob condições cênicas preestabelecidas.

Sadismo e masoquismo

Não há reciprocidade na relação entre um sujeito sádico e um sujeito masoquista; não se trata de uma relação reversível. Quanto mais o sádico avança em seu desígnio, mais se trata do Outro, de levar o outro ao seu limite em um conflito de vontade e prazer. Busca que esse outro mostre do que é capaz, ainda que em conflito com a lei do prazer, convoca-o a uma cena, a um ritual, a ir além do princípio de prazer. Tal é o objetivo do sádico: que o outro vá além de seus limites; busca sua angústia e, por trás dela, o objeto *a*.

Enquanto o sádico atua ocultando o objeto *a*, o masoquista se esforça em ocultar sua angústia dentro de sua própria cena. O sadismo consiste em uma busca do gozo através do exercício da lei. Por sua vez, o masoquista se dedica a cumprir com a Lei do Outro e aspira a ser tratado como um objeto. O perverso não é aquele que deprecia o outro; pelo contrário, ocupa-se em tapar o furo no Outro.²⁸ Ele é um defensor da existência do Outro, convertendo essa crença quase em uma religião ou, ao menos, em um ritual:

[...] o perverso se dedica a tapar o furo no Outro. Para realçar as coisas, digo que até certo ponto ele é partidário de que o Outro existe. É um defensor da fé.²⁹

A seguir, proponho uma caracterização de ambas as posições e suas diferenças essenciais. O sádico crê ter direito a gozar do corpo do outro como se fosse seu objeto, quer ser seu mestre, seu dono por direito, e deseja atuar com o consentimento do outro. A maioria das manifestações dessa posição mantêm-se na ordem do jogo, em um plano especular em que se identifica com o outro,³⁰ a quem convoca como objeto-vítima de sua cena. O que caracteriza seu desejo é que ele não sabe

²⁸ Idem. (2008 [1968-1969]). *El Seminario. Libro 16*. Buenos Aires: Paidós. p. 230.

²⁹ Ibidem. p. 230-231. (Tradução nossa).

³⁰ Idem. (1981 [1953-1964]). Op. cit. p. 313.

realmente o que busca; seu objetivo é realizar-se, fazer-se aparecer como puro objeto, um fetiche oculto.³¹

Em outras palavras, o sádico joga com o sujeito, e Lacan propõe abordá-lo através de seu ato, com a precaução de não se deixar distrair pela suposta função da dor. Opera uma subversão a nível do grande outro, pretendendo gozar do corpo do outro-semelhante. Entretanto, ele mesmo desconhece o que faz com o outro em seu ato, no qual aparece como um mero instrumento.³² Nesse sentido, o sádico realiza um ato que lhe permite recuperar o gozo, reduzindo o outro a um objeto nadificado, privado da palavra. Ele trata “de completar o Outro, despojando-o da palavra, certamente, e impondo-lhe sua voz. Em geral, isso falha”.³³ Seu poder invisível emana do lugar discursivo a partir do qual fala: o lugar do Outro; e do tipo de discurso-mandamento que emprega: o discurso do mestre. Assim, consegue usurpar temporalmente, na cena perversa, o lugar do objeto voz-Supereu do outro.

O masoquista, por outro lado, é o verdadeiro mestre de sua cena, graças à manobra que realiza com o outro, colocando-o no lugar do Grande Outro (A). Lacan surpreende com sua interpretação, ao sinalizar que o masoquista não é um escravo, mas o verdadeiro mestre na cena da qual participa. Contrariamente ao que sugere o sentido comum, Lacan propõe que o masoquista é astuto, alguém muito inteligente, porque sabe que está no gozo.³⁴ Na cena masoquista instaura-se uma situação meticulosamente regulada em seus detalhes, que aparece como uma encenação cujo objetivo é alcançar um ganho de gozo, independente do princípio de prazer. Essa cena implica uma manobra do sujeito com o outro, a quem dirige mediante uma série de atos, regras ou diretrizes específicas que devem ser seguidas.

Um claro exemplo de tal operação pode ser visto no romance *A Vênus das peles*,³⁵ no qual o protagonista define e decide como deve ser tratado pela mulher que ele coloca no lugar do outro que comanda a cena. Seu desejo consiste em sua própria encarnação como objeto, o objeto comum, ser um *a*; no entanto, essa identificação só se produz dentro de uma cena específica.³⁶

A dimensão do masoquismo é definida [...] pelo fato de que o sujeito assume uma posição de objeto, no sentido mais acentuado que podemos dar à palavra objeto, para defini-lo como esse efeito de queda e de resíduo, de resto do advento subjetivo.³⁷

³¹ Idem. (2007 [1962-1963]). La causa del deseo. Em *El Seminario. Libro 10*. Buenos Aires: Paidós.

³² Idem. (1966-67). Op. cit. p. 361.

³³ Idem. (2008 [1968-1969]). Op. cit. p. 235. (Tradução nossa).

³⁴ Idem. (1966-67). Op. cit. p. 327.

³⁵ Von Sacher-Masoch, L. (2018). *La Venus de las Pielas*. Internet Anna's Archive.

³⁶ Lacan, J. (2007 [1962-1963]). La causa del deseo. Em *El Seminario. Libro 10*. Op. cit.

³⁷ Idem. (1966-67). Op. cit. pp. 292-293. (Tradução nossa).

No nível discursivo, o masoquista está capturado pela voz de alguém que ele mesmo coloca na posição de Outro absoluto. Está capturado por essa voz que, a partir daquele momento, constitui-se como uma lei que recai sobre o sujeito. O discurso do mestre que ali opera é uma máquina muito precisa e efetiva. Então, o masoquista é

[...] quem está derogado, e não o outro, com o açoite imaginário e, é claro, significante. Enquanto desejo, sente que é alvo de algo que, de fato, está a lhe consagrar e valorizar ao mesmo tempo que lhe profana. Sempre há no fantasma masoquista um lado degradante e profanatório que implica, ao mesmo tempo, na dimensão do reconhecimento.³⁸

Nesse sentido, o sujeito em posição masoquista pode aparecer em uma cena assumindo a função de dejetivo, uma das formas sob as quais o objeto *a* se manifesta na perversão. Seu valor é reduzido a praticamente nada, já que, pelo acordo com o outro da cena, fica destituído dos privilégios próprios de sua função como sujeito. Essa identificação impossível com o que se reduz ao mais extremo do resíduo está ligada a uma captura pelo gozo. Não se trata de uma busca da dor carente de sentido; os lugares estabelecidos e a cena se articulam em torno de uma economia de gozo particular.

Finalmente, em referência às estruturas clínicas, Lacan deixa aberta a possibilidade de que o masoquismo tenha um lugar no campo das neuroses, caso se articule no nível do fantasma.

Não são perversos porque sonham com a perversão. Sonhar com a perversão, sobretudo quando se é neurótico, pode servir para algo completamente diferente, para sustentar o desejo, o qual é muito necessário quando se é neurótico.³⁹

Também se pode cogitar essa via para o campo das psicoses, em relação com o que aparece nessas estruturas no lugar do fantasma: o delírio ou as construções suplementares de saber que as estabilizam e permitem ao sujeito estabelecer um enquadramento possível para o funcionamento de seu desejo.

Economia e vontade de gozo

³⁸ Idem. (2013 [1957-1958]). Op. cit. p. 255. (Tradução nossa).

³⁹ Idem. (2008 [1968-1969]). Op. cit. p. 233. (Tradução nossa).

Segundo o que foi dito, infere-se que a perversão produz uma economia de gozo. Consiste na montagem de um ato em uma cena, ato que objetiva à recuperação de gozo, de um gozo puro, mas desvinculado do corpo, na medida em que encarna o Outro.⁴⁰ O fantasma é essa máquina simbólica infernal capaz de produzir um gozo absoluto e enigmático, desconhecido pelos próprios sujeitos que participam da cena perversa. Esse gozo mítico encarnado na dupla, na qual há dois parceiros supostamente sexuais para a realização do ato.

O masoquista situa-se de um modo manifesto e em relação com o ato sexual, definindo pela sua localização o lugar onde o gozo se refugia.⁴¹ O perverso demonstra o lugar do gozo, e sua vontade de gozo ocupa o lugar da demanda do Outro na neurose. A obra *A filosofia na alcova*,⁴² do Marquês de Sade, apresenta o gozo como uma máxima que aspira a erigir-se como regra universal.

Tenho direito a gozar de teu corpo, qualquer um pode me dizer, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das exigências que me aprouver saciar com ele.⁴³

A relação perversa estrutura-se em torno de um discurso que reclama o direito ao gozo. Nessa estruturação, as posições são definidas pela distinção entre aqueles que possuem esse direito e aqueles que são privados dele. A posição sádica, em particular, caracteriza-se pelo exercício irrestrito de poder e gozo sobre o corpo e o ser de outros, reduzidos à condição de objetos comuns. O sádico não só goza do domínio absoluto que exerce sobre sua vítima, mas também busca que esse poder seja legitimado pelo seu consentimento.

Algumas consequências clínicas

Por fim, serão enumerados alguns exemplos do campo psicanalítico, os quais não costumam ser tradicionalmente pensados em relação ao sadismo e ao masoquismo, mas que podem ser investigados à luz da teoria das perversões proposta por Lacan:

(a) Traumas de infância por haver participado de uma cena perversa.

(b) Cuidado de crianças sob o modo de relação de **vontade de gozo** de um adulto, onde a criança é um objeto que pertence ao adulto e sobre o qual ele tem pleno direito de exercer sua vontade.⁴⁴

⁴⁰ Idem. (1966-67). Op. cit. p. 363.

⁴¹ Ibidem. p. 364.

⁴² Sade, M. de. (1999). *La filosofia en el tocador*. Madrid: Mesetas.

⁴³ Lacan, J. (2009b). Op. cit. p. 730. (Tradução nossa).

⁴⁴ O filme *A virgem vermelha* de Paula Ortiz (2024), é um bom exemplo dessa forma de educação alienante e anulação do sujeito.

(c) Introdução à sexualidade como um objeto submetido à vontade total de um outro — **vontade de gozo.**⁴⁵

(d) Relações afetivas que implicam um vínculo sádico ou masoquista, como situações de violência e abuso dentro de casais estáveis ou dentro de uma família.

(e) Femicídios nos quais é possível supor-se uma relação sádica ou masoquista anterior ao evento extremo de violência, no qual alguém se apresenta com exercício absoluto da vontade de gozo sobre o corpo do outro.

(f) Situações sociais de abuso no trabalho ou em instituições que implicam uma vontade de gozo exercida sobre o corpo de alguém. Isto é, abuso em centros de refugiados, de imigrantes ou de órfãos; abuso de determinadas populações por parte da polícia ou de agentes penitenciários; abuso de poder exercido sobre subordinados em relações de trabalho, etc.

(g) Participação em estruturas de massa nas quais se produz abusos reiterados por parte de líderes em posição de poder: exércitos, guerras, igrejas, seitas, etc.

(h) Sujeitos que oferecem seu corpo como objeto de consumo: não se trataria de alguém que oferece seu corpo como objeto-nadificado à vontade de gozo de um outro?

Conclusões parciais

Este artigo aprofundou-se nos caminhos que a proposta de Lacan deixou abertos para a investigação no campo das perversões. Foram destacadas, particularmente, as formas benignas que se desenvolvem principalmente em torno da cena perversa. O presente escrito articulou-se ao redor da hipótese de que a perversão não constitui necessariamente numa estrutura clínica independente, mas antes numa posição subjetiva a respeito do fantasma que pode se manifestar em diversas estruturas. Nesse sentido, a perversão não se limita a uma categoria nosológica rígida, mas se apresenta como uma resposta fantasmática que pode ser produzida em diferentes contextos clínicos.

Tanto o sadismo quanto o masoquismo são produzidos no enquadramento de uma relação intersubjetiva imaginária, na qual a lógica do fantasma opera sobre os sujeitos que participam da cena. Constatou-se que os conceitos-chave de vontade e direito ao gozo permitem ampliar o vasto campo de investigação das perversões, transcendendo sua redução ao ato sexual, ainda que este continue sendo uma de suas vias de manifestação mais evidente.

Por outro lado, aventou-se a ideia de que também no campo das psicoses essas posições subjetivas podem se apresentar vinculadas às vias do fantasma ou às construções suplementares que ocupam seu lugar. Por fim, a questão fundamental que se extrai deste trabalho é a de saber se a

⁴⁵ A minissérie *Uma família quase perfeita* (2023), produzida pela Netflix, reflete de modo interessante tal exemplo.

perversão deve ser entendida como uma estrutura clínica específica ou como uma posição subjetiva em relação ao fantasma, capaz de se manifestar em diversas estruturas clínicas. Tal problema, apenas esboçado na presente investigação, requer um aprofundamento e uma análise mais detalhada em trabalhos futuros.

Contudo, pôde-se elaborar a seguinte definição provisória: sadismo e masoquismo são soluções singulares para o problema de um sujeito quanto a assumir uma posição sexual em uma relação intersubjetiva com um outro. A solução masoquista permite evitar a angústia do encontro, estabelecendo uma lei, uma espécie de ficção que ordena os lugares da cena e habilita a recuperação do gozo pela repetição de uma gramática fantasmática. A solução sádica, por sua vez, permite esquecer que existe a castração e dispor do outro participante da cena como um objeto moldável ao seu desejo, sobre o qual se pode exercer uma vontade de gozo que coloque em jogo seus limites enquanto sujeito. Em resumo, sadismo e masoquismo são dois modos particulares de existência do sujeito, em relação com o desejo e determinados pelo funcionamento do fantasma.

Em uma segunda parte deste trabalho, buscaremos avançar no tema pela investigação de conceitos-chave como os de objeto *a*, objeto voz, pulsões escópica e sadomasoquista, assim como pelos Esquemas 1 e 2 propostos por Lacan em seu texto “Kant com Sade”. Através de tais elementos, exploraremos os processos subjetivos de anulação do sujeito, sublimação e subjetivação, com o objetivo de pensar possíveis saídas para os impasses que surgem nessas posições subjetivas. O conceito de consistência de ser, junto a um modo particular de enodamento entre os três registros, pode oferecer uma via frutífera para compreendermos por que se repetem relações perversas que geram sofrimento.

Nesse sentido, discutiremos a possibilidade de se pensar essas duas posições – sadismo e masoquismo – no campo das neuroses e das psicoses, ampliando, assim, o alcance da reflexão clínica. Também serão propostas operações possíveis para a direção do tratamento frente ao fantasma e à cena perversa, abordando sua repetição sintomática e o sofrimento que acarreta. Para isso, analisaremos a função privilegiada da sublimação, e os diversos modos de escritura na psicanálise.

BIBLIOGRAFIA:

1. Lacan, J. (1966-67). *El Seminario. Libro 14*. Analítica, Asociación de Psicoanálisis de Bogotá.
2. Lacan, J. (1981 [1953-1964]). *El Seminario. Libro 1*. Barcelona: Paidós.
3. Lacan, J. (2007 [1962-1963]). *El seminario. Libro 10*. Buenos Aires: Paidós.
4. Lacan, J. (2008 [1968-1969]). *El Seminario. Libro 16*. Buenos Aires: Paidós.
5. Lacan, J. (2009 [1966]). *Escritos*. Buenos Aires: XXI.
6. Lacan, J. (2015 [1958-1959]). *El Seminario. Libro 6*. Buenos Aires: Paidós.
7. Sade, M. de. (1999). *La filosofía en el tocador*. Madrid: Mesetas.
8. Von Sacher-Masoch, L. (2018). *La Venus de las Pieles*. Internet Anna's Archive.

CARINA RODRIGUEZ SCIUTTO

Psicóloga e psicanalista lacaniana residente na cidade de Fort Lauderdale, onde trabalha com clínica privada e com a difusão da psicanálise. Nos Estados Unidos, possui licença de Conselheira em Saúde Mental nos estados da Flórida, Connecticut e Nova York. Membro ativo da *Southeast Association for Psychoanalytic Psychology* (Flórida).

E-mail: mhc.carina.rodriguez@gmail.com